

Mercados y mundos de trabajo urbanos

TECENDO A EXPERIÊNCIA: as moças da Venske¹

Walfrido S. de Oliveira Jr.²

A Fábrica de Fitas Venske iniciou suas atividades em Curitiba no ano de 1907. Desde sua fundação até seu encerramento abrupto em 1980, quando as operárias chegaram para mais um dia de trabalho e encontraram as portas fechadas, a Fábrica Venske manteve basicamente inalteradas suas relações de produção e sua base tecnológica.

A partir do desenvolvimento dos estudos em micro-história, novas questões podem ser propostas, a fim de levar mais "luz" sobre objetos que acreditávamos amplamente explicados. No estudo em questão, a análise em micro-história serve para apresentar a organização fabril desenvolvida em Curitiba pela Fábrica de Fitas Venske, demonstrando alguns elementos que marcaram a existência desta empresa, sendo que vários desses elementos podem ser considerados específicos, dentro do contexto empresarial curitibano e brasileiro. Tal estudo, também, trava um diálogo com a historiografia sobre o mundo da fábrica, tentando verificar em que medida este diálogo pode servir para entender melhor a Venske, o mundo fabril em Curitiba e uma parte do cotidiano da cidade.

O objeto desta pesquisa é a Fábrica de Fitas Venske, que exerceu suas atividades em Curitiba de 1907 a 1980. Na análise dos dados, observou-se que a Fábrica guardava algumas especificidades em relação a outras fábricas paranaenses, tais como: em torno de 90% de sua produção era destinada ao mercado nacional, utilizava maquinaria com tecnologia do século XIX e produzia fitas com técnicas únicas. No tocante às relações de produção manteve por 10 anos (1935 / 1945), aproximadamente, 20% de suas tecelãs trabalhando nas próprias residências, quando a prática das outras empresas era a centralização.

O trabalho dentro do espaço fabril também foi alvo de interesse, sendo relatado pelas próprias tecelãs, que expressaram suas opiniões acerca de várias questões que constituíram a sua experiência diária na Fábrica. Historicamente constituído pelo

¹ Esse texto, com pequenas modificações constitui o terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado "A Fábrica de Fitas Venske: discussões sobre o trabalho e a indústria em Curitiba", defendida em 2001 no mestrado em história da UFPR, sob orientação do Prof. Dr. Magnus Pereira.

² Professor adjunto do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná.

binômio da exploração e resistência, o trabalho fabril já foi estudado em vários aspectos e temporalidades, com interpretações que vão do pessimismo determinista ao otimismo revolucionário. É fato que a indiferença não caminha junto ao pesquisador que, alguma vez, se deparou com as condições de vida e trabalho de um operário durante o século XIX e início do XX.

A industrialização brasileira (e a paranaense) teve suas especificidades em comparação com a industrialização de outros países, mas o binômio exploração e resistência esteve presente no cotidiano dos trabalhadores, não obrigatoriamente da mesma forma que em outros lugares

Este artigo pretende construir parte deste conjunto de experiências vivenciadas na Fábrica Venske, a partir de um conjunto de depoimentos prestados por quatro tecelãs e pelo último diretor da Fábrica (Guido Venske).

Sobre o conjunto dos depoimentos, apesar de terem sido elaborados como histórias de vida, foram abordados com a perspectiva temática. Ou no dizer de Paul Thompson: "Para tornar possível a generalização, temos que extrair a evidência sobre cada tema de uma série de entrevistas, remontando-a para enxergá-la de um novo ângulo ... atribuindo-lhe um novo significado."(THOMPSON, Paul , p. 302)

Neste estudo os trabalhadores da Venske receberam uma análise de classe, na medida em que constróem sua experiência em conjunto, sendo tal análise o oposto de um estudo sobre individualidades. Mas as tecelãs da Venske, também podem constituir um grupo de operárias com suas especificidades em relação a outros grupos. A saber:

- As mulheres de Curitiba, um vez que o número de operárias não era representativo dentre a população feminina da cidade.

- Entre o cotidiano operário feminino da cidade, as tecelãs da Venske também se destacavam, primeiro devido a sua profissão - tecelãs de fitas -, segundo pela sua remuneração, quando afirmavam nas entrevistas que recebiam mais que seus pais e, posteriormente, mais que os maridos.

- No domínio de habilidades que não faziam parte do cotidiano operário num período de automação e produção fordista, lembrando o operário-politécnico analisado por Marx.

- Na diferenciação entre si, quando da utilização (1935 – 1945) do trabalho doméstico, que separava as tecelãs em domicílio das tecelãs do espaço fabril.

- Também o recorte da pesquisa, que privilegiou as depoentes com mais tempo na empresa, deixando de lado a maioria das operárias que eram admitidas geralmente com 14 anos.

Para a análise das tecelãs da Venske, foi utilizado o conceito de experiência adotado por Thompson. Para o historiador inglês, a experiência é componente da consciência social e, mais do que isso, é constituída por ela. Por exemplo: alguém que nasceu camponês no século XVIII na Inglaterra, cresceu em determinada comunidade, recebeu determinada formação e conviveu com determinados valores que lhe pareciam “naturais”. As relações sociais que o cercaram foram constituidoras de sua experiência de vida, que por sua vez, influenciou (mas não determinou) suas decisões como indivíduo e como agente da comunidade.

A unidade não é absoluta, mesmo na unidade buscada pelo pesquisador, há espaço para a divergência e pluralidade. Para tanto, reavaliemos a teorização de classe formulada por Thompson, e nos colocamos ao lado de Suzanne DESAN (DESAN, 1992), quando analisa a obra do historiador inglês, mais precisamente, “a economia moral da multidão inglesa no século XVIII”. A autora relativiza a concepção de unidade comunitária apresentada na obra analisada, e afirma:

“O conceito de consenso comunitário de Thompson, porém, pode sugerir uma comunidade mais coesa e unida do que de fato existia. Ele certamente não postula a existência de uma ação uniforme por parte da comunidade inteira, mais postula uma conceituação unânime. Seu modelo não consegue explicar porque certos grupos dentro da comunidade apresentavam uma probabilidade que outros de enganarem-se em tumultos” (DESAN, p. 77)

Portanto, o estudo de classe que proponho realizar aponta para uma construção da experiência das tecelãs da Venske, frisando a expressão uma construção, deixando claro que existem várias possibilidades de se edificar tal proposta.

A elaboração do roteiro de entrevista que foi utilizado para a coleta desses depoimentos, priorizou a explicação das tecelãs sobre sua condição; busca construir o conceito de classe a partir da **experiência**, desenvolvida pelas agentes desta trama histórica.

O cotidiano dessas trabalhadoras pôde, em parte, ser construído a partir das interpretações fornecidas por elas. Neste conjunto de depoimentos, tentou-se traçar um possível perfil do que pode ser considerados como **a tecelã da Fábrica Venske**, embora irremediavelmente filtrado com a interferência do pesquisador, mas com a autenticidade das protagonistas mais importantes desta *história*.

No dizer de seu último diretor Sr. Guido Rodolfo Venske, a Fábrica Venske foi, durante toda a sua existência, uma "fábrica de balzaquianas". O termo pode parecer estranho, por se tratar de uma fábrica que empregava meninas a partir de 14 anos, mas que, em grande número, se desligavam da fábrica próximo aos 20 anos em razão do casamento. As balzaquianas da Venske eram as operárias que permaneciam por um longo período na empresa, e, apesar de serem minoria, moldaram a Fábrica, pois delas dependia o treinamento das jovens e a manutenção de um bom índice de produtividade. Ao se referir ao termo construído a partir das obras de Balzac, estaria constatando a importância destas tecelãs mais experientes, Guido dependia delas. As operárias que permaneciam no emprego por períodos mais longos passaram a conhecer o valor do seu trabalho, à medida que sabiam da sua importância como produtoras especializadas e atuantes no treinamento das aprendizes. As operárias mais experientes sabiam que eram indispensáveis para o funcionamento da fábrica.

Essas tecelãs mais experientes constituíram-se como a imagem das tecelãs da Venske, sendo reconhecidas e reconhecendo-se enquanto portadoras de saber sobre o trabalho e sobre a memória da empresa e sobre suas próprias memórias. HAIA AOTO, ZULEIDE CIT, DOLORES MÜLLER CIT e MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA trabalharam, pelo menos, 25 anos na Venske & Cia. Ltda. e seus depoimentos estabelecem novas abordagens sobre o cotidiano da fábrica. Entraram como aprendizes na fábrica entre 1944 a 1950, todas foram indicadas por uma amiga ou parente que já trabalhava na Venske³, e consideraram fácil a obtenção do emprego apesar de passarem por uma entrevista.⁴

DOLORES MÜLLER CIT, após ser promovida a secretária da seção técnica, tornou-se entrevistadora e relacionou as principais observações feitas a uma pretendente a tecelã:

"Olhavam a aparência, tinha que estar limpinha. Não precisava estar bem vestida, mas deveria estar limpinha, bem apresentada, com o cabelo bem penteado, os dentes bem cuidados. Exigiam o curso primário, pois era necessário saber fazer cálculos para contar os fios. A tecelã utilizava o cálculo o dia inteiro. Se alguma tecelã experiente procurasse emprego era imediatamente aceita, pois não se perdia tempo com a aprendizagem" (DOLORES MÜLLER CIT).

³ Conjunto de Depoimentos

⁴ Depoimentos gravados a partir de 1986 pelo Museu da Imagem e do Som, MIS, com a finalidade de coletar dados para a formação de arquivo sobre a memória do trabalho em Curitiba. Foram gravados 8 depoimentos com ex-tecelãs e um tecelão, além de entrevista com dois ex-diretores da Fábrica Venske.

ARTESÃS INDUSTRIAIS

O trabalho das tecelãs constituiu outro fator fundamental para a sobrevivência da empresa. Tanto quanto a associação com a Mueller ou como a coordenação técnica de Alfredo Venske, a especialização e habilidades das operárias da Venske formaram um tripé que sustentou a Fábrica.

As operárias detinham uma responsabilidade direta sobre a qualidade da fita. Ou como já afirmou Guido " ... na (fabricação das) fitas, 99% é a mão-de-obra e 1% é a máquina" (GUIDO VENSKE). Sendo assim, a qualidade da mão-de-obra era de fundamental importância para a realização do produto final.

A produção da fita começava na tinturaria, onde o fio era tingido; daí seguia para a seção de meadas, para ser desembaraçado e limpo; posteriormente, seguia para a seção de urdimento.

A urdideira recebia da seção técnica a especificação da fita a ser produzida e sua obrigação consistia em separar em carretéis a quantidade exata de fios que deveria ser posta no tear. A urdideira fazia os cálculos e determinava quantos carretéis seriam usados para a confecção de um pedido de fitas, conforme suas cores, largura e comprimento. Ou como afirma DOLORES MÜLLER CIT, que foi aprendiz de urdideira: "Levei todos esses dois anos para aprender. Não era fácil. ... Porque para ensinar era um trabalho muito minucioso, então era muito tempo para a pessoa se adaptar ao serviço". (DOLORES MÜLLER CIT)

O aprendizado nas máquinas exigia atenção e habilidade, enquanto o trabalho no urdimento precisava constantemente de força e cálculo:

"Vinha uma ficha com a relação de cores. Cada cor tinha um número correspondente; o branco era 1740 e etc. Não se escrevia "branco" ou "preto", era tudo por numeração. Isto tinha que decorar enquanto era aprendiz. Na ficha havia o padrão, vamos dizer..., 298/9. 298 é uma fita grossa, e o 9 significa a largura. (DOLORES MÜLLER CIT)

A Venske era um misto de trabalho fabril com trabalho artesanal, suas operárias deveriam ser habilidosas, mas também habituadas ao ritmo industrial. As máquinas eram manuais ou mecânicas, não existindo maquinaria automática, o que acarretava um maior desgaste físico e exigia um constante raciocínio ou, pelo menos, destreza.

Após o trabalho da urdideira, os carretéis eram postos no tear, para início do trabalho da tecelã. Nos teares a atenção era fundamental. A tecelã deveria estar atenta ao rompimento dos fios, e, quando isso acontecia, deveria parar a máquina para

proceder à emenda. Nas tecelagens de algodão, o trabalho da tecelã era menos exigente, podendo uma mesma pessoa tomar conta de quatro teares. (RIBEIRO.1988, p.106)

Esses teares com 180 carretéis para a produção de 60 fitas, possuíam um sistema de freios de 180 pesos (que mantinham cada fio com uma tensão apropriada). Quando esses pesos estavam próximos aos carretéis a tecelã tinha que parar o tear e soltá-los para que aqueles não atingissem os carretéis. Tal procedimento se repetia de três a quatro vezes durante uma empreitada. As tecelãs em fase de aprendizado paravam o tear para soltar os pesos, mas as tecelãs mais experientes soltavam os pesos com a máquina em andamento. (GUIDO VENSKE)

A parada do tear significava uma diminuição da produção, salientando que as tecelãs recebiam por empreitadas, ou seja, a remuneração da tecelã era calculada pela "fita mestra" no tear, não importando se o tear estivesse produzindo quarenta ou setenta fitas.

Com a instalação dos teares de maior porte o trabalho da tecelã sofreu duras alterações. O seu ritmo de trabalho foi diferenciado e acelerado, uma vez que a tecelã passou a controlar até 70 fitas num mesmo tear e, conseqüentemente, soltar até 210 carretéis a cada duas horas.

O trabalho da tecelã, que já era de muita atenção com teares de sessenta fitas, passou a ser mais penoso com os teares de setenta fitas. Se, de um lado, garantiu um aumento nos rendimentos da empresa, por outro, provocou uma pressão exagerada na mão-de-obra, que não foi recompensada com uma melhor remuneração.

Esse sobre-trabalho enfrentado pelas tecelãs foi um ponto de estrangulamento no processo produtivo da fábrica, pois se a produtividade da tecelã aumentou, o seu salário não sofreu alterações. Tal fato provocou uma queda na qualidade do produto, pois tornou muito difícil a observação de um número tão elevado de fios. Essa “desatenção”, utilizando o termo de GUIDO VENSKE, acarretou um aumento na quantidade de defeitos nas fitas que, na opinião do diretor, era de responsabilidade da tecelã:

“Antigamente o trabalho da tecelã tinha mais qualidade. Depois piorou, aumentou a quantidade de defeitos. A empresa adotou um sistema: aceitávamos uma emenda a cada dez metros, se tivesse mais, seria descontado da tecelã”. (GUIDO VENSKE)

Para desempenhar sua função, a tecelã passava por um período de aprendizado ao lado de tecelãs mais experientes. O período de treinamento era considerado difícil, principalmente o aprendizado nas máquinas como atesta HAIA AOTO: "Nas máquinas era mais difícil. ... levei três meses, quase, para aprender" (HAIA AOTO)

Quanto ao trabalho masculino na fábrica, esse estava restrito aos setores da mecânica, marcenaria e amarração. Sua presença era constante entre as tecelãs devido aos defeitos apresentados pela maquinaria. A amarração, ou entorcimento era destinado aos homens por ser uma função que exigia o trabalho deitado sobre a máquina e as mulheres queixavam-se de dores nos seios. Muitas vezes, as próprias operárias consertavam os defeitos apresentados, dispensando assim o trabalho masculino, poupando tempo e dinheiro para si e para a empresa.

Como o trabalho da tecelã era de grande responsabilidade, normalmente uma operária ao entrar na fábrica começava a trabalhar no setor de meadas, para adquirir habilidade no manuseio com o fio de rayon. Posteriormente, ela passava por outras seções sendo fixada naquela que demonstrasse maior habilidade ou houvesse mais necessidade de mão-de-obra.

Somente o tingimento do fio parecia ser alvo de restrição ao saber operário, ficando seus segredos a cargo de Alfredo e, posteriormente, de Guido VENSKE. Nas demais seções, a rotatividade das operárias era estimulada, sendo comum sua utilização em seções diferentes daquelas que ocupavam normalmente. Assim, quando alguma seção estava sobrecarregada, operárias de outras seções iam auxiliá-las. As tecelãs mais experientes, não raro, poderiam trabalhar em qualquer seção da fábrica.

Pode-se afirmar que essas operárias detinham um saber sobre o próprio trabalho que era incomum para o período. A expropriação do saber foi um processo que ocorreu desde a instalação do sistema fabril, com a divisão das tarefas. Durante o século XX com a adoção das idéias de Ford⁵, este processo se intensificou devido a constante automação das máquinas, que as tornaram facilmente manobráveis por qualquer pessoa, independente de suas habilidades e conhecimentos.

Embora concordando com a tese da expropriação do saber operário em função da divisão do trabalho, pode-se fazer algumas ressalvas a sua indistinta aplicabilidade. Não se deve utilizar a lógica da expropriação em operárias que já estavam incorporadas à realidade do capitalismo. Que ameaça poderia representar o saber dessas operárias? Onde mais elas poderiam exercer este saber se não na Venske?

Parece claro que as operárias não planejavam montar teares em suas próprias casas para iniciar uma produção independente e artesanal. Portanto, o saber dessas

⁵ Pode-se discutir (o que não vamos fazer) sobre a adoção ou não das idéias fordistas no Brasil, mas, acredito que a centralização, a hierarquização e a expropriação, foram, de maneira geral, adotadas como estratégias empresariais no Brasil desde o início do processo de industrialização

operárias não representava uma ameaça para a empresa. Sendo possível que esta permitisse e até incentivasse suas tecelãs a compreenderem quase a totalidade do processo de trabalho da Fábrica.

Essa relação de produção em que as tecelãs guardavam um conhecimento, relativamente, grande sobre as técnicas de produção e sobre o funcionamento da fábrica não está em desacordo, como a princípio pode parecer, com a realidade do capitalismo na primeira metade do século XX. Mesmo se tratando de um capitalismo industrial surgido num país subdesenvolvido, a análise de uma permanência ou de anacronismo não é viável. O capitalismo é uma organização dinâmica e que se adapta e muda para permanecer. A compreensão única de uma realidade (estou comentando as decisões de uma empresa familiar ao negociar, produzir e se relacionar com seus operários) pode gerar respostas específicas que, possivelmente, não se encontrem em outras temporalidades e espaços.

RITMO INCESSANTE

O interior da Fábrica poderia proporcionar a um eventual visitante uma bela visão. Os antigos teares, os fios coloridos, as fitas que se iam tecendo, a habilidade de tecelãs e urdideiras, enfim, uma trama ordenada e moderna, tal qual a modernidade era sentida e descrita no século XIX. Mas na memória das tecelãs e urdideiras não há espaço para essas imagens idílicas sobre seu cotidiano. O tear produzia um barulho e mantinha um ritmo incessante, as polias podiam prender suas saias ou seus cabelos, os fios, quando eram de baixa qualidade, constantemente arrebentavam, obrigando as tecelãs a pararem suas máquinas e perder salário. O ambiente fabril oprimia aqueles que nele sentiam seus dias e horas consumidos.

"Muito barulho. Na engomadeira era muito quente e embaixo era muito barulho por causa das máquinas"(HAIA AOTO).

"Poluição sonora, o barulho era grande. No verão não era fácil, no calor a produção fica prejudicada, assim como no inverno, o frio demais também prejudicava. (ZULEIDE CIT)

O trabalho na Fábrica Venske mantinha semelhança com o trabalho industrial do século XIX, e os teares da Venske exigiam muito, pois devido ao longo tempo de uso quebravam constantemente, ou não funcionavam direito, como atesta DOLORES MÜLLER CIT:

"Muito, a cada instante a máquina quebrava. Quando isto acontecia elas (as tecelãs) recebiam por hora. Elas pediam outra máquina para não ficarem paradas. As máquinas (...) (devido a sua idade e aos constantes consertos) não funcionavam bem, e as tecelãs queriam produzir mas não conseguiam. E as tecelãs reclamavam que com a baixa produção não conseguiam saldar seus compromissos". (DOLORES MÜLLER CIT)

O desabafo de ZULEIDE CIT dá uma boa idéia de como foram os últimos anos na Venske. "Uma época eu gostava do meu trabalho, mas recentemente eu não estava gostando mais. Estava saturando, não sei o que era, mas não estava dando mais pra agüentar" . (ZULEIDE CIT)

As concepções “acadêmicas” sobre as condições de trabalho na indústria vêm o trabalho operário como monótono, uma repetição incessante dos mesmos movimentos e uma negação da inteligência, uma atrofia de raciocínio. Esta herança conceitual está arraigada na análise sobre o trabalho fabril há séculos. Até Adam Smith, um defensor da fábrica e do trabalho fabril, admitia que:

"Com os progressos realizados pela divisão do trabalho, a ocupação da grande maioria dos que vivem do trabalho, ... limita-se a um número muito pequeno de operações simples ... Ora, a inteligência da maior parte dos homens forma-se necessariamente pelas suas ocupações ordinárias. Um homem que passa toda a vida a executar um pequeno número de operações simples, ... regra geral, torna-se tão ignorante e estúpido quanto é possível a uma criatura humana" (Citado em MARGLIN, p. 47).

A percepção sobre o trabalho das tecelãs se apresenta múltipla; para o diretor era uma maravilha ver "suas" tecelãs trabalhando com tanta habilidade. Valorizava o fato de as tecelãs produzirem com rapidez, sentia-se orgulhoso por coordenar a sua fábrica e vê-la em movimento. Apreciava a harmonia do trabalho. O trabalho na Fábrica Venske encantava os olhos de quem acompanhava a habilidade das tecelãs mais experientes. O comentário feito a seguir resulta de uma pergunta formulada a Guido VENSKE sobre as condições de trabalho das tecelãs. *"É uma beleza. Se a gente vê o trabalho das moças, a gente fica admirado"*. (GUIDO VENSKE)

Mas quando a mesma pergunta recai sobre uma operária que exerceu sua função por mais de 25 anos, a resposta dada por ZULEIDE CIT foi: ele era "cansativo", HAIA AOTO teve como resposta que seu trabalho era "cansativo, tinha que correr".

DOLORES MÜLLER CIT trabalhou durante sete anos como urdideira e depois foi "promovida" a secretária da seção técnica onde fiscalizava a produção e fazia as fichas para a seção de urdimento. Para DOLORES, o seu serviço (no urdimento) era muito bom, só que era cansativo.

“À noite você estava moída, por que era muito pesado. Todas ficam com um caroço na mão”; e na seção técnica "era mais leve, por que você sentava, você levantava ... variava e não era tão cansativo ... só que a mente é que trabalhava bastante". (DOLORES MÜLLER CIT)

DOLORES, que viveu a experiência de operária e também em função administrativa, não acreditava que seu trabalho era monótono, pois dizia que no urdimento "variava as cores, então ele se tornava, ... parecia que era diferente" (DOLORES MÜLLER CIT).

O argumento utilizado por DOLORES MÜLLER CIT para demonstrar por que preferia a sua função na parte técnica foi a diversificação de suas atividades, ou seja, não ficava mais realizando todo o tempo a mesma função, estando incumbida de "fiscalizar a fábrica, de manhã dava uma volta, já depois do almoço dava outra volta, sempre olhando como é que está correndo, se está tudo em ordem". (DOLORES MÜLLER CIT)

A indústria criou um ritmo incessante de produção, que, em alguns casos, sofreu atenuações devido a aplicação de tecnologias, como a automação. Na Venske não ocorreu qualquer atenuação na produção (somente a redução da jornada para 8 horas), aliás, muito ao contrário, como já analisado no item sobre os teares. No período final da Fábrica o trabalho era estafante e mal remunerado. O trabalho era cansativo e monótono, mas as operárias, devido a experiência pela qual passaram, conhecendo apenas ritmo industrial de trabalho, não podiam esperar outra situação, não relatando suas funções como monótonas.

AS AMIGAS

A experiência do trabalho, para essas tecelãs, está repleta de afetividade. A lembrança do *tempo de trabalho* é marcada pelo convívio com as colegas, colegas essas que passaram a ser amigas, pois saíam juntas, iam a festas, aniversários, cinema, bailes etc. A amizade que antes era angariada entre as pessoas do bairro onde moravam, transferiu-se para as colegas da fábrica. "Fim de semana eu passava com as amigas, ou em casa ou viajando. Sempre ia viajar nos fins de semana. Nós gostávamos de ir à praia. Todo o fim de semana a turma da fábrica se reunia" (DOLORES MÜLLER CIT)

Os laços de amizade são constantemente descritos pelas operárias, ressaltando que a amizade passava do limite dos muros da fábrica. Reuniam-se na Sociedade Morguenau e na Sociedade do Alto Cajuru, mas não iam sozinhas. "Minha mãe sempre

me acompanhava aos bailes. Naquele tempo as moças não podiam ir desacompanhadas" (DOLORES MÜLLER CIT)

A vida na fábrica toma o lugar da vida no bairro, o cotidiano dessas moças transforma-se diante da nova relação que se estabelece entre elas e o tempo, o tempo do trabalho supera e reconstrói o tempo do lazer. Passam mais horas ao lado das "colegas" de trabalho do que das "amigas" do bairro. As colegas passaram a ocupar também as horas de não trabalho. Estavam envolvidas nas mesmas tarefas, conheciam as mesmas pessoas, enfrentavam os mesmos problemas. Esta relação de amizade foi tramada a partir da experiência diária desenvolvida no ambiente de trabalho.

ELES, DO SINDICATO

Qual percepção de sindicato na memória dessas trabalhadoras? Qual sua visão sobre a instituição sindical? Pertenciam ao sindicato de tecelagem, o termo "pertenciam" está relacionado com a estrutura do sindicalismo obrigatório que continuou existindo após 1945.

Um dado significativo é que entre os 30 primeiros nomes de operários filiados ao sindicato e que trabalhavam na Fábrica, 29 eram nomes masculinos, proporção desmesurada, dado que a predominância de mulheres na Fábrica era evidente. Se as mulheres não se filiavam ao sindicato, qual seria a opinião dessas sobre a instituição? (Arquivo do Sindicato dos trabalhadores em tecelagem)

"Pra dar uma ajuda, pra dar opiniões, pra aconselhar. Podia pedir uma opinião pra eles".(HAIA AOTO)

"Se a gente precisasse de um médico, dentista ... O intuito do sindicato é reivindicar o salário. O aumento que vinha do governo a gente recebia antes por intermédio do sindicato". (ZULEIDE CIT)

"Ia ao dentista, ... depois foi indo, foi indo até que morreu o sindicato".(DOLORES MÜLLER CIT)

A relação entre sindicato e assistência médica está muito presente nos depoimentos, mas a utilização dessa assistência não parece ter sido tão forte quanto a lembrança.

"Eu nunca precisei, nem médico nem dentista."(HAIA AOTO)

"... do sindicato, eu usei médico uma só vez". (ZULEIDE CIT)

Embora o assistencialismo sindical possa não ter sido eficiente, como observamos nas declarações das tecelãs, a construção desta memória com certeza foi marcante entre as tecelãs. O discurso estado-novista⁶, e sua apropriação pelos governos populistas que seguiram, permaneceu arraigado nas memórias, mais do que uma prática.

A ação sindical era também recordada na reivindicação salarial, principalmente na década de 1960, mas nenhuma depoente soube precisar exatamente o período das manifestações por melhores salários, sabendo apenas informar que foram frequentes e que contavam com a ajuda do sindicato.

"Durante todo o tempo que eu estive lá houve duas greves ... feitas pelo sindicato de tecelagem. ... Tinha que aderir forçado, porque não deixavam entrar ... era feito piquete com o sindicato. ... Não pude entrar, tive que ficar lá fora. ... Um dia durou isso ... eu lembro que as duas vezes o motivo foi o ordenado, sempre o ordenado".(DOLORES MÜLLER CIT)

"Uma vez ... porque nós achávamos que nosso salário estava baixo. ... Daí, nós fomos ao sindicato, mas eles abandonaram, desistiram. Fizemos uma vez greve, mas fizemos, acho, que duas horas só".(HAIA AOTO)

"Até mais de uma vez nós precisamos do sindicato. A gente queria reivindicar um salário melhor ... conseguimos. Houve uma greve - 1960, acho que deve ter sido - ... participei ... Foi suspensa uma funcionária, daí os outros colegas acharam que não estava certo ela ser suspensa, pois ela estava reivindicando o mesmo problema que nós. O sindicato apoiou a idéia da greve. Fizemos a greve e ela voltou ao trabalho. Foi com o apoio do sindicato, a gente não fez por conta".(ZULEIDE CIT)

A ação do movimento sindical junto às tecelãs da Venske esteve ligada à questão salarial. As operárias reconheciam a função do sindicato enquanto órgão de defesa de seus interesses, mas não se achavam parte desta estrutura, tratando o sindicato como algo irremediavelmente externo ao ambiente fabril. As referências ao sindicato são sempre como "eles" do sindicato, sempre estavam fora e vinham até a empresa, e voltavam para seu lugar - fora da fábrica.

OS PATRÕES

⁶ Período conhecido como a ditadura Vargasista, que durou de 1937 a 1945, quando a Legislação Trabalhista foi implementada para os trabalhadores urbanos.

Uma questão abordada no roteiro de entrevistas foi a seguinte: Os operários da Venske tinham os mesmos interesses?

A indagação manifestava a intenção de aferir a existência ou não de uma identidade de classe. Outra questão proposta ao depoente com o intuito de complementar a primeira era: operários e patrões tinham os mesmos interesses?

Desde já, deixo clara a minha concepção de classe, pois discordo de que este conceito seja algo imutável que ocorre da mesma forma em todas as sociedades industriais, creio sim que está mais relacionado com a prática desenvolvida no dia-a-dia dos trabalhadores.

A explicação dada pelas depoentes não tinha por objetivo a avaliação do pesquisador sobre o *nível de consciência* alcançado pelas tecelãs, para uma possível recondução delas ao ‘verdadeiro’ caminho da luta de classe, e sim demonstrar como elas desenvolveram sua experiência de classe, construída nas relações diárias de trabalho, entre elas e com os patrões. Ou como afirmou E. P. THOMPSON: “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é a sua única definição”. (THOMPSON, 1987, p. 12)

"Entre os próprios operários o interesse era comum ... eu acho que **eles** se entendiam muito bem ... interessava sempre era ganhar mais, e então um conversava com outro, então eu achava que **eles** eram muito unidos."(DOLORES MÜLLER CIT)

No depoimento de DOLORES MÜLLER CIT, a menção aos operários esta posta como "eles". Este distanciamento pode ser explicado pelo fato de DOLORES MÜLLER CIT ter sido secretária da seção técnica, e não se considerar mais uma operária, embora estivesse constantemente em contato com a produção, com as tecelãs e tenha sido urdideira durante 10 anos.

ZULEIDE CIT comenta que “o interesse dos operários era ganhar mais, e o dos patrões era pagar menos ... Sim, todos (os operários) tinham os mesmos objetivos”. (ZULEIDE CIT)

Sobre os patrões, a opinião é bastante diversificada. Perguntada sobre como era o relacionamento entre operários e patrões ZULEIDE CIT respondeu:

“Acho que não era muito chegado, não tinha a liberdade, pois os patrões não davam a liberdade. Acho que depois de um operário ter trabalhado tanto tempo na firma, os patrões deveriam ter mais reconhecimento.”(ZULEIDE CIT)

No que é contestada por DOLORES MÜLLER CIT: “ Eles eram meus amigos, não posso dizer que eram meus patrões ... seu Guido sempre me visita”. (DOLORES MÜLLER CIT)

Quanto a diferenciação de postura dos patrões HAIA AOTO comentou:

"O pai mesmo, ele era muito bom, ... seu Rodolfo. Procurava ter mais amizade com os empregados. Sim, eles eram muito bacanas, todos eles. Quando encontro na rua eles cumprimentam, eles conversam com a gente." (HAIA AOTO)

O depoimento de DOLORES MÜLLER CIT reforça a idéia do patrão enquanto amigo, mas a visão do patrão/pai também foi destacada na pessoa de Rodolfo Venske, que dirigiu a fábrica após a morte de seu irmão - Alfredo - em 1944, mas também foi se afastando da direção a partir de 1950 por motivos de saúde. Rodolfo representou, para as jovens tecelãs, a imagem do patrão/pai, que GUIDO VENSKE não conseguiu manter.

"(Rodolfo) ele era muito **bom**, bacana com a gente. Era mais enérgico, ele não sorria pra ninguém e uma palavra dele era uma ordem. Então ele tinha pulso firme com a gente." (DOLORES MÜLLER CIT)

A descrição feita por DOLORES MÜLLER CIT sobre as virtudes do patrão, são, no mínimo, curiosas; ele era "bom", "não sorria pra ninguém". A associação da imagem do patrão com a imagem do pai é imediata, mas parece muito simples, merecendo uma melhor análise.

A pouca idade dessas tecelãs deve ter favorecido no culto desta imagem, e também a atuação de GUIDO VENSKE pode explicar tal situação.

Quando entrou na Fábrica em 1950, com 15 anos, DOLORES MÜLLER CIT devia ver neste senhor que "não sorria pra ninguém", uma pessoa a qual deveria respeitar e temer, mas quando a Fábrica passou a ser dirigida por Guido, apenas 9 anos mais velho que ela, a imagem do pai/patrão não conseguia mais se manter. Até a administração de Guido foi considerada pior que a do pai.

Quando perguntada se Rodolfo administrava a Fábrica melhor que o seu Guido, DOLORES MÜLLER CIT respondeu: “Muito mais, sem dúvida, ele era mais enérgico ... Pois as tecelãs mais velhas enfrentavam o seu Guido”. (DOLORES MÜLLER CIT)

A imagem de Rodolfo nem sempre foi essa, a geração de operárias que antecedeu a de DOLORES MÜLLER CIT tinha outra opinião sobre seus patrões. Para as mais "antigas", que trabalharam no final da década de 1930 e início da década de 1940, a imagem do bom patrão seria a de Alfredo e não a de Rodolfo. "O "seu" Alfredo era bom, era amigo da gente. Bem diferente do irmão (Rodolfo), que era bravo, não dava um sorriso". (DÓRIS VELASCO)⁷

As qualidades que definem o melhor modelo de patrão sofreram alterações significativas, se compararmos as opiniões das tecelãs. A construção da memória sobre o trabalho na Venske indica uma rememoração mais positiva para o administrador mais antigo, possivelmente aquele que foi visto como a continuação da autoridade doméstica do pai.

ENXOVAL? EU FIZ !

Dentre as quatro entrevistadas, duas permaneceram solteiras, e DOLORES MÜLLER CIT e MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA casaram. Fizeram sua lua-de-mel no litoral paranaense e, a princípio foram morar no terreno onde residiam os pais.

A relação dessas com o casamento foge ao padrão da Fábrica. Casaram próximo aos 30 anos (DOLORES MÜLLER CIT casou com 30 anos e MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA com 29), sendo que , a maioria das moças casavam-se próximo aos vinte anos. Outra diferença foi a permanência na Fábrica após o casamento, pois o padrão era que "geralmente acontecia lá, casavam e saíam ... então era revezado muito" (DOLORES MÜLLER CIT)

DOLORES MÜLLER CIT não teve filhos, ficou viúva aos 35 anos, já MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA tem três filhos, e só lhe foi possível permanecer na empresa devido ao auxílio que recebeu de sua cunhada:

⁷ Entrevista realizada em 23 de maio de 1996. O objetivo de tal entrevista foi o de recolher informações sobre uma operária que trabalhou num período anterior ao das “minhas” depoentes.

"Minha cunhada era solteira - que meu marido levou a mãe e a irmã para morar junto. Eu pagava uma taxa bem baixinha para ela, também não podia pagar muito".(MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA)

No relacionamento com o marido, parece ter havido um entendimento quanto à permanência no emprego após o casamento, ou quanto ao cotidiano do casamento:

"Meu marido é um homem muito bom, ... não me impõe ... quando nós casamos eu ... estava com meus ... 15 anos de Fábrica. Mas ele não me mandou sair ... eu disse, é pena eu perder tantos anos de serviço, vou sair sem nada ... eu fui minha própria juíza ... decidi, eu vou voltar a trabalhar. (MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA)

"Enxoval eu fiz, trabalhava, fiz todo o meu enxoval; ajudei na compra dos móveis. ... Nós fomos arrumando as coisas tudo em conjunto ... cada um pagava a metade. (DOLORES MÜLLER CIT)

DOLORES controlava as finanças de casa, e o marido "ajudava", encerando a casa nos finais de semana. Essas tecelãs ao se casarem, já conheciam o valor do seu trabalho e da sua remuneração, ambas tinham ordenados mais altos que os pais e, posteriormente, que os maridos; sabiam que a renúncia ao trabalho seria muito difícil e eram suficientemente independentes para serem as *próprias juízas de seus atos*.

FIM DOS TEMPOS

Essas tecelãs permaneceram na Fábrica durante a década de 1950, período de bons negócios e de alta ocupação de mão-de-obra, e também na década de 1960 e 1970, períodos de decadência da Fábrica:

ano	Fios consumidos	peçoal empregado	produção
1951	37.280 kg	274	11. 615.289m
1952	30.253 kg	251	9. 474.254m
1953	30.529 kg	242	10. 750.000m
1954	32.580 kg	268	11. 505.200m
1955	40.506 kg	288	11. 455.150m
1958	35.143 kg	250	11. 388.650m
1959	29.396 kg	215	8. 371.650m
1960	25.589 kg	170	8. 309.000m
1961	20.439 kg	163	8. 379.000m
1962	22.890 kg	202	8. 378.650m

(A.F.V., pasta de estatísticas)

Na percepção de DOLORES MÜLLER CIT, o período de 1950 a 1960 foi de prosperidade, "depois foi caindo devido as máquinas, desde que foi fundada, com este mesmo maquinaria. É impossível" (DOLORES MÜLLER CIT). Como observado no quadro anterior, o consumo de fios durante a década de 1960 diminui em relação à década de 1950, índices semelhantes encontramos para a produção e para o pessoal empregado.

A decadência da Fábrica durante a década de 1960 acarretou um aumento na pressão sobre o trabalho. MARIA DE LOURDES queixou-se do tempo dispensado no treinamento das aprendizes: “Eu tinha que ensinar até duas de cada vez, e o meu serviço atrasava ... eu perdia dinheiro”. (MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA).

Perder dinheiro era uma sensação constante entre as tecelãs: “Ultimamente a gente só estava recebendo o (salário) mínimo. Só o mínimo dava para tirar” (ZULEIDE CIT). Sobre esta observação pode-se perceber que o salário também foi um motivo que contribuiu para o encerramento das atividades da Venske. Uma tecelã experiente, que passou por um difícil e longo processo de treinamento, que realizava uma tarefa difícil e estafante, não poderia se contentar com um salário mínimo. Ela se reconhecia como trabalhadora portadora de habilidades, não como uma trabalhadora que recebia apenas o mínimo.

Esse pequeno salário poderia ser conquistado em outras funções e ocupações fora da Venske, mas que exigiam menos esforço ou habilidades dos empregados. Ou, como frisou Guido Venske:

“Uma vendedora de sapatos passa o dia inteiro encostada na frente da loja, não precisa de treinamento, trabalha muito menos que uma tecelã e ganha a mesma coisa. Quem é que iria ficar dois anos aprendendo uma profissão, para no fim ganhar um salário mínimo, se poderia pegar um emprego menos cansativo e ganhar até mais?” (GUIDO VENSKE)

Como já frisamos, a Venske foi durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, uma empresa que dinamizou o mercado de trabalho industrial feminino em Curitiba, como demonstra o quadro abaixo:

P.E.A. industrial de Curitiba

Ano	Homens	Mulheres	Mulheres Venske
1940	10.332	1.301	174
1950	18.005	3.057	220
1970	52.127	19.991	200

(Ipardes, A.F.V. pasta de estatísticas)

A Venske ocupava algo em torno de 13% da mão-de-obra feminina da indústria curitibana na década de 1940, mas este percentual cai para aproximadamente 7% durante a década de 1950. Na década de 1970 a Venske responde por algo como 1% do trabalho feminino industrial em Curitiba. Notamos que a presença feminina cresce nas ocupações industriais em comparação com a ocupação masculina, o que significa uma maior diversidade de ocupações femininas na indústria.

Durante a década final de sua existência (1980), a empresa enfrentou uma pressão muito grande sobre o trabalho, de tal forma que era muito difícil manter uma aprendiz em treinamento. Esta aprendiz desistia antes de completar seu período de aprendizado. Para as tecelãs mais experientes isto significava uma rotatividade maior de aprendizes sob sua responsabilidade, causando um direto impacto em seus salários. Próximas da aposentadoria, essas tecelãs que dedicaram a boa parte de suas vidas à Fábrica esperavam mais, como resultado de sua dedicação.

"Eu tenho que dar um jeito de pelo menos dizer; eu saí da Fábrica mas eu ainda ganhei alguma coisa com isso. Porque daí não compensaria trabalhar tantos anos depois de casada, porque eu não tinha comprado, com o dinheiro da Fábrica e do meu marido, ... nem um terreno. ... O terreno que a gente tem ... foi herança dos pais, receberam do meu avô, ainda que deram pro meu avô. E eu, o que é que eu vou deixar para os meus filhos! Só trinta anos de serviço numa fábrica, só isso eu posso contar pra eles que eu fiz". (MARIA DE LOURDES KULIK BAPTISTA)

A frustração demonstrada por MARIA DE LOURDES, encerra um questionamento sobre sua condição de trabalho. O discurso de que o "trabalho dignifica o homem" passou a ser questionado por essas tecelãs, que no conjunto de seus depoimentos demonstraram esperar mais como recompensa pelo seu labor. O período da aposentadoria não se apresentou como uma fruição compensatória pelos anos dedicados à Venske. Seus salários não eram mais os mesmos, recebiam próximo ao salário mínimo, e o orgulho que ostentavam por serem tecelãs estava em declínio, em velocidade tão acelerada quanto a extinção de suas próprias profissões. Seu treinamento, esforço e habilidades, estavam obsoletos.

Após a aposentadoria, apenas ZULEIDE retornou ao mercado de trabalho. MARIA DE LOURDES ficou dona-de-casa pois o marido estava e, situação razoável. DOLORES permaneceu em casa e HAIA morava ao lado dos parentes.

ZULEIDE permaneceu solteira e morava com a mãe, trabalhava em um consultório odontológico. "Tem de trabalhar, só de aposentadoria não dá" (ZULEIDE).

Sobre sua nova ocupação demonstrava a seguinte opinião: “Prefiro o meu atual emprego ... sei lá, é mais limpo, não cansa tanto, é mais tranqüilo”. (ZULEIDE)

Fica evidenciado que essas tecelãs esperavam mais em troca do tempo em que se dedicaram à Fábrica Venske. Ao final desses anos, perceberam que para a empresa eram importantes apenas como produtoras.

As tecelãs que dedicaram a melhor parte de suas vidas ao trabalho na Fábrica Venske, com certeza, passaram bons momentos no ambiente fabril. Realizaram na Fábrica a passagem para a vida adulta, pois a maioria das operárias iniciava aos 14 anos a sua vida de trabalho. A partir do contato travado no ambiente fabril, várias amizades surgiram, extrapolando os muros da Fábrica, várias festas de casamento, aniversário ou os famosos bailes das sociedades, como o Morguenau, contaram com o discreto charme das "moças da Venske". O cotidiano da fábrica proporcionou momentos em que foram felizes.

Se, porém, observarmos por outro ponto de vista, a rotina do tear, que poderia prender seus cabelos, o barulho, o calor e a rotina do trabalho que consumia suas horas, suas vidas, a fábrica e o ambiente fabril representaram a morte da felicidade. Este ponto de vista não pode ser perdido pelo pesquisador que trabalha com a história operária.

Num dia como qualquer outro, os trabalhadores da Venske foram surpreendidos pelo anúncio do fechamento da Fábrica. Sem prévio aviso a empresa noticiou o término de suas atividades. Provavelmente muitas tecelãs nunca mais voltaram a estar nesse local de trabalho. Sentiram saudades?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSCHILIA, Roseli. **Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940 - 1960)**. Dissertação de mestrado. Curitiba : UFPR, 1996.
- BURKE, Peter (org). **A escrita da história**. São Paulo : Unesp, 1992.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro : Bertrand, 1995.
- FREITAS, Marcos Cezar (org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo : USF, Editora Contexto, 1998.
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro : Bertrand.
- GORZ, André (Org). **Divisão social do trabalho e modo de produção capitalista**. Porto : Editora Escorpião, 1976.
- _____. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1987.
- HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo : Ática, 1991.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo : Edições Loyola, 1992.
- HUNT, Lynn (org). **A nova história cultural**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- LEÃO, Igor Carneiro. **O Paraná nos anos 70**. Curitiba : Ipardes, 1989.
- LOPES, José Sérgio Leite (org). **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro : Marco Zero, Editora da UFRJ.
- LOPES, Zélia. **A domesticação dos trabalhadores nos anos 30**. São Paulo : Marco Zero, 1990.
- LUZ, Regina Maria da. **A modernização da sociedade no discurso do empresário paranaense: Curitiba 1890/1923**. UFPR. Dissertação de Mestrado, 1992.
- PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: O caso do Paraná**. São Paulo : Hucitec; Curitiba : Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1981.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.
- RANCIERE, Jacques. **A noite dos proletários**. São Paulo : Companhia das Letras 1988.
- REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Lisboa : Difel, 1989. (Coleção memória e sociedade).
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **Condições de trabalho na indústria têxtil paulista: 1870-1930**. São Paulo : Editora Unicamp,/Editora Hucitec, 1988.
- STEIN, Stanley. **Origem e evolução da indústria têxtil no Brasil. 1850/1950**. Rio de Janeiro : Editora Campus.
- THOMPSON, E. P. **Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro : Zahar editores, 1981.
- _____. **A formação da classe operária inglesa**. Tomo I e II. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.